



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



“SOMOS A DIGNIDADE REBELDE”:

**A MARCHA DEL COLOR DE LA TIERRA E A RESISTÊNCIA ZAPATISTA
FRENTE AO COLONIALISMO INTERNO MEXICANO**

Rodrigo de Moraes Guerra¹

Resumo: Assumindo a *colonialidade* como uma construção histórica que perpassou as diferentes temporalidades e se instituiu na sociedade ocidental moderna enquanto um poder hegemônico, fomentando, assim, *colonialismos internos* na formação dos Estados-nação latino-americanos, diversos países foram palco de conflitos e disputas políticas em seus territórios, dentre eles, o México com a ascensão do movimento neozapatista, no ano de 1994 – movimento este que alegou ser produto de mais de 500 anos de lutas. Destarte, no ano de 2001, após guerrilhas e diálogos, o Exército Zapatista anunciou para o dia 24 de fevereiro, data em que se comemora o Dia da Bandeira Nacional no México, o início de uma grande mobilização em defesa da *dignidade indígena*: a Marcha del Color de la Tierra. Isto posto, o presente trabalho tem como objetivo compreender os processos sociais que culminaram com a insurgência zapatista e, por conseguinte, com o acontecimento da marcha, bem como, perscrutar as histórias e disputas que há por trás dessa manifestação, escolhida para ocorrer em uma data simbólica de *comemoração nacional*. Compreendendo o ato comemorativo diretamente relacionado com os usos sociais, culturais e políticos da memória, em suma, reconhecemos a Marcha del Color de la Tierra como um importante movimento de contestação da memória histórica hegemônica colonial construída no México moderno, bem como um espaço de disputas políticas e constituição de resistências ao colonialismo interno que assola os povos indígenas, camponeses e minorias, em geral, no cenário mexicano.

Palavras-chave: Colonialismo, Zapatismo, Memória, História do Tempo Presente, História da América.

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História e Espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: rodrigo.morais.guerra@gmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Lo que acabamos de ver significa que estos siete años de lucha (del EZLN) han sido apenas un prólogo de lo que ahora va a comenzar.

José Saramago

Somos y seremos uno más en la marcha. La de la dignidad indígena. La del color de la tierra. La que develó y desveló los muchos méxicos que bajo México se esconden y duelen.

Subcomandante Insurgente Marcos

INTRODUÇÃO

No dia 1 de janeiro de 1994, um novo capítulo da história recente mexicana foi iniciado com a insurgência zapatista, em Chiapas. Todavia, afirmar que este foi apenas um novo capítulo na história recente do México não está de todo certo. Na verdade, se tratava de um novo capítulo da *longa história mexicana*, da história que permeou as disputas e narrativas na constituição do *México moderno*, na história, em suma, do poder hegemônico colonial.

Junto à insurgência na madrugada do 1 de janeiro, os zapatistas logo lançaram a sua Primeira Declaração da Selva Lacandona, onde expunham de maneira clara o caráter histórico de suas lutas, frente aos colonialismos que subjugarão os povos indígenas e demais minorias na construção do Estado-nação mexicano:

Somos producto de 500 años de luchas: primero contra la esclavitud, en la guerra de Independencia contra España encabezada por los insurgentes, después por evitar ser absorbidos por el expansionismo norteamericano, luego por promulgar nuestra Constitución y expulsar al Imperio Francés de nuestro suelo, después la dictadura porfirista nos negó la aplicación justa de leyes de Reforma y el pueblo se rebeló formando sus propios líderes, surgieron Villa y Zapata, hombres pobres como nosotros a los que se nos ha negado la preparación más elemental para así poder utilizarnos como carne de cañón y saquear las riquezas de nuestra patria sin importarles que estemos muriendo de hambre y enfermedades curables, sin inmortales que no tengamos nada, absolutamente nada, ni un techo digno, ni tierra, ni trabajo, ni salud, ni alimentación, ni educación, sin tener derecho a elegir libre y democráticamente a nuestras autoridades, sin independencia de los extranjeros, sin paz ni justicia para nosotros y nuestros hijos. Pero nosotros HOY DECIMOS ¡BASTA!, somos los herederos de los verdaderos forjadores de nuestra nacionalidad [...]. (Comandancia General del EZLN, 1994).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Denunciando e combatendo, portanto, esta *colonialidade do poder* (QUIJANO, 2005) que formulou as bases da sociedade moderna mexicana, os zapatistas fizeram de seus comunicados uma verdadeira arma de combate e guerrilha. Atraindo para si os holofotes do mundo, através da divulgação de seus comunicados na internet, os zapatistas trouxeram à tona questões profundas como as lutas frente ao *colonialismo interno* que subjugou e segue subjugando a vida dos povos indígenas. Como conceituou Pablo González Casanova:

Concluído o período de independência, os valores coloniais permaneceram em vigor, o que levou a teoria social a chamar esse processo renovador do colonialismo como colonialismo interno. A análise sobre este conceito não se limita às relações estabelecidas entre a metrópole e as colônias (criolos e indígenas), mas às relações que aconteciam no interior dos países, de forma “intra-nacional” (GONZÁLEZ CASANOVA, 1969, p. 224).

Dessa forma, fazendo da *autonomia* e da *reforma política* duas de suas principais bandeiras na busca por uma *libertação nacional* e um México plural.

DESENVOLVENDO A PROBLEMÁTICA

Ao almejarem o direito de escolher livre e democraticamente suas próprias autoridades, os zapatistas anunciavam uma das suas principais bandeiras para a luta por um México plural e plenamente democrático: a *autonomia indígena*. Após o período inicial da guerrilha armada, os zapatistas voltaram para as montanhas, consultaram seus povos, e partiram para a resolução dos conflitos através do diálogo. Entre o dia 20 de fevereiro e 2 de março, do ano de 1994, aconteceu na cidade de San Cristóbal de las Casas o primeiro encontro entre o governo federal e o EZLN, o que ficou conhecido como “Diálogos da Catedral”.

Nestes diálogos, o EZLN reiterou a ambição do movimento não em tomar o poder, mas em obterem “el derecho a vivir con dignidad de seres humanos, con igualdad y justicia como nuestros antiguos padres y abuelos” e apresentaram como razões e causas do levante armado a fome, a miséria e a marginalização que os povos indígenas sofreram desde sempre; a total carência de terra para trabalhar e sobreviver; a repressão, despejo, encarceramento, torturas e assassinatos, como respostas do governo frente às demandas dos povos indígenas; as “insoportables injusticias y violación de nuestros derechos humanos como indígenas y



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



campesinos empobrecidos”; a exploração sofrida na venda de seus produtos, nas jornadas de trabalho e na compra de mercadorias de primeira necessidade; a falta de todos os serviços indispensáveis para a grande maioria da população indígena; as mentiras, enganos, promessas e imposições dos governos há mais de 60 anos, concomitante à falta de liberdade e democracia para decidir seus próprios destinos; e o não cumprimento das leis constitucionais por parte do governo, enquanto que todo o peso da lei recaía para os povos indígenas, com o agravante de ter sido “una ley que nosotros no hicimos y que los que la hicieron son los primeros en violar” (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del EZLN, 1994).

Após este primeiro período de diálogos, o EZLN terminou os encontros demandando a convocação de uma eleição verdadeiramente livre e democrática, pois “aa democracia es el derecho fundamental de todos los pueblos indígenas y no indígenas. Sin democracia no puede haber libertad ni justicia ni dignidad. Y sin dignidad nada hay.” (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del EZLN, 1994); exigindo a renúncia dos titulares do Poder Executivo Federal e dos poderes executivos estaduais, para que houvesse eleições, de fato, livres e democráticas; o reconhecimento do EZLN como força beligerante e de suas tropas como autênticos combatentes, sendo aplicados todos os tratados internacionais para regular conflitos bélicos; um novo pacto entre os integrantes da federação para que se acabe com o centralismo e permita às regiões, comunidades indígenas e municípios autogovernarem-se com autonomia política, econômica e cultural; e que fossem respeitados os direitos e dignidade dos povos indígenas, levando em conta sua cultura e tradição, deixando-os se organizarem e se autogovernarem com autonomia própria.

Isto posto, os zapatistas trouxeram para o cerne da discussão uma problemática densa e que se estendeu, ainda, por anos a fio: o reconhecimento da *autonomia indígena*, porém, do indígena enquanto *mexicano*:

Así, los zapatistas demandan que se reconozca su derecho de autogobernarse y su autonomía, frente a un proceso histórico de explotación y exterminio contra los olvidados de la patria. Dejan claro que no es su deseo, ni intención, separarse del país, sino todo lo contrario, continuar siendo indígenas y mexicanos, que puede resumirse en el gesto simbólico de los zapatistas que, durante el evento, presentaban dos banderas: la zapatista (con un fondo negro y con una estrella roja en el medio) y, a un lado, la bandera de México (FUENTES SÁNCHEZ, 2019, p. 135-136).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Deste modo, a problemática da *autonomia indígena* foi ganhando cada vez mais corpo nos discursos e na *forma* do EZLN, ratificando o caráter étnico e estético do movimento.

Pouco depois dos “Diálogos da Catedral”, os zapatistas lançaram para o México e para o mundo a sua Segunda Declaração da Selva Lacandona, na qual, novamente, trouxeram à tona a discussão acerca de uma profunda *reforma política*:

El problema del poder no será quién es el titular, sino quién lo ejerce. Si el poder lo ejerce la mayoría, los partidos políticos se verán obligados a confrontarse a esa mayoría y no entre sí. Replantear el problema del poder en este marco de democracia, libertad y justicia obligará a una nueva cultura política dentro de los partidos. Una nueva clase de políticos deberá nacer y, a no dudarlo, nacerán partidos políticos de nuevo tipo (Comité Clandestino Revolucionario Indígena-Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, 1994).

Tratando-se, portanto, não de uma *revolução*, mas da “antessala do novo México”. Com isso, a partir da clara manifestação do EZLN em buscar as transformações sociais através de uma reforma política – apesar de também terem manifestado na Segunda Declaração não quererem mais nada do “mau governo” –, os processos de diálogos em busca de uma conclusão para a questão da autonomia continuaram.

Com o avanço desta discussão, novos episódios surgiram nas tentativas de tratativas entre o EZLN e o governo mexicano. Com os Diálogos de San Andrés Sacamch'en de los Pobres, que se converteriam nos Acordos de San Andrés, uma possível reforma constitucional foi suscitada e, com ela, a resolução dos conflitos, reconhecendo os direitos indígenas em termos de suas autodeterminações e autonomias. Neste contexto, próximo à firmar os primeiros acordos, o EZLN promoveu entre os dias 3 e 8 de janeiro de 1996, em San Cristóbal de las Casas, o Foro Nacional Indígena (FNI) “con la finalidad de afinar los temas que serían negociados con el gobierno, en especial el que correspondía a la autonomía” (FUENTES SÁNCHEZ, 2019, p. 141). Assumindo o Foro, portanto, uma condição de reunião nacional dos povos indígenas e se convertendo na semente para uma maior organização política indígena no México e, de mesmo modo, as bases para o que viria a ser o Congresso Nacional Indígena (CNI).

Conforme os diálogos seguiam, nenhum acordo, de fato, eram firmado por ambas as partes. Em 1995, o EZLN descartou a proposta da Assembleia Nacional Plural pela Autonomia (ANIPA), convocada por deputados e senadores indígenas do Partido da



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Revolução Democrática (PRD), que propunha a instauração de um “Regime de Autonomia Regional”, como marco constitucional para a criação e funcionamento das autonomias no país e como parte integral da organização federal, por não haver compreendido a complexidade do tema da autonomia nas diversas etnias, histórias e geografias indígenas que havia no México, de modo que, não era condizente à realidade a proposta de uma “autonomia regional”, uma unificação do que seria essa autonomia. Em 1996, o EZLN se retirou dos diálogos e, no mesmo ano, surgiu a CNI, que, segundo Waldo Lao Fuentes Sánchez, “funcionaría como un espacio de encuentro y acción de los pueblos indígenas del país, en forma de red y asamblea, de forma horizontal y sin dirigentes” (FUENTES SÁNCHEZ, 2019, p. 148).

Os debates em torno de um acordo sobre a problemática da autonomia findaram em 2003 com acordo nenhum, e sim com os zapatistas rompendo com as tentativas e tomando a decisão de colocar em prática a *autonomia rebelde* em suas próprias territorialidades. No meio do caminho, todavia, houveram diversas fases desse processo, e um deles fez com que as palavras dos zapatistas marchassem sobre o território mexicano, uma marcha pela vida, justiça, liberdade, democracia, memória e pela bandeira mexicana, uma marcha *del color de la tierra*: “*Dignidad es el nombre de esa flor primera y mucho debe caminar para que la semilla encuentre el corazón de todos y, en la gran tierra de todos los colores, se nazca por fin ese mundo que todos llaman manaña*” (Comité Clandestino Revolucionario Indígena - Comandancia General del EZLN, 2001).

LA MARCHA DE LA DIGNIDAD INDÍGENA, LA MARCHA DEL COLOR DE LA TIERRA

No dia 24 de fevereiro de 2001, ante ao longo processo de tentativas da resolução dos conflitos por meio de acordos com o governo mexicano – e, por conseguinte, a falha nessas tentativas –, os zapatistas organizaram não mais um encontro ou convenção para reunir os povos indígenas e discutir sobre os seus direitos, como foi realizado com o FNI e a CNI. Desta vez, os zapatistas apostaram no diálogo direto com a população indígena dos mais diversos estados mexicanos; apostaram na construção de suas demandas, ideias e proposições a partir da palavra daqueles povos que sentiam na pele e nos corações os efeitos da história de colonização e desprezo dos povos indígenas na formação do Estado moderno mexicano; apostaram, em suma, por *marchar* de Chiapas à capital federal mexicana, ouvindo e dando



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



voz aos esquecidos e calados da história, dando nome ao passo e palavra à voz: “tiene nombre este nuestro paso, palabra tiene la voz que nos habla: esta es la marcha de la dignidad indígena, la marcha del color de la tierra” (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del EZLN, 2001).

A *Marcha del color de la Tierra* iniciou em San Cristóbal de las Casas, com festa e cerimônias de caráter simbólico – já tradicionais na forma política zapatista. Iniciando com uma breve cerimônia de entrega das armas, os zapatistas abandonaram os fuzis e se armaram com as palavras² e partiram com uma delegação formada por um núcleo principal de 24 delegados do EZLN, acompanhada por homens e mulheres de vários grupos étnicos (tzotziles, tzeltales, choles, tojolabales, zoques, chinantecos, mixes, zapotecos, mazatecos, huicholes, yaquis, tarahumaras, seris) e por personalidades como o escritor ganhador do Prêmio Nobel José Saramago, Alain Touraine e um grupo de parlamentares europeus (CHIHU AMPARÁN, 2002, p. 63), com o objetivo de percorrer mais de 3.000 km do país dialogando e (re)elaborando suas demandas diretamente com os povos *de abajo*. Ao todo, a *Marcha* percorreu 12 estados da república: Chiapas, Oaxaca, Veracruz, Puebla, Tlaxcala, Hidalgo, Querétaro, Guanajuato, Michoacán, Estado de México, Morelos, Guerrero, incluindo diversos municípios e povoados e a realização de atos, festividades, discursos e conversas aproximando a população da causa e, de mesmo modo, aproximando os zapatistas da população³.

Mais do que uma resposta à frustração frente aos acordos que não foram firmados nos diálogos com o governo mexicano, a *Marcha* surgiu como uma manifestação e ilustração do que os zapatistas compreendem como democracia, ou, como os mesmos afirmam, como uma *política de abajo*. O tema da democracia é recorrente no discurso zapatista desde a sua insurgência em 1994, mas não por não existir um sistema de eleições, ou uma organização

² Dentro da retórica zapatista, as armas compreendem apenas mais um elemento da luta, de seus discursos e de suas cerimônias. Os zapatistas dizem que recorreram às armas para que haja mais a necessidade de se recorrer às armas; que se formaram exército para que não haja mais a necessidade de exércitos. Na Convenção Nacional Democrática, celebrada em agosto de 1994, em Chiapas, as tropas zapatistas desfilaram com seus fuzis no alto e um laço branco amarrado na ponta, enquanto que o porta-voz do EZLN explicava que eram “armas que aspiravam a ser inúteis”. GONZÁLEZ, Eva Antón. Las paradojas del movimiento zapatista en la construcción de paz: “El ejército que nace para que no haya más ejércitos”. *Revista de Paz y Conflictos*, Granada, v. 3, p.140-153. 2010.

³ Todo o trajeto detalhado, incluindo os municípios e atos programados, está disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2001/01/24/el-ccri-cg-del-ezln-da-a-conocer-los-detalles-de-la-ruta-que-seguira-a-la-ciudad-de-mexico-en-los-meses-de-febrero-y-marzo-del-2001/>. Acesso em 21 de mar. 2021.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



política formalmente democrática no México, e sim por, justamente, esta democracia não ser efetivamente inclusiva e representativa dos reais interesses da população desfavorecida, incluindo os indígenas. Como vimos, as demandas zapatistas correspondem, em suma, ao combate do colonialismo e da colonialidade velada e perpessada ao longo das épocas, desta forma, reivindicar a democracia é ir além do reconhecimento da sua existência formal, mas, sim, buscar efetivá-la enquanto este modelo que permite dar voz para os povos que reivindicam demandas básicas e participações efetivas no seu exercício cidadão. Isto posto, a *Marcha de color de la tierra* traz à superfície a existência dos povos cor da terra, um dos tantos que colorem o México, e oferece aos olhos da classe política mexicana um outra forma de se pensar e exercer a democracia.

No ano de 2000, um ano antes da *Marcha*, os zapatistas já manifestavam esta posição em relação aos processos democráticos vigentes no país. Nas eleições gerais daquele ano, a Comandância Geral do EZLN, em nome do Subcomandante Insurgente Marcos, manifestou uma clara posição de que diante da “guerra inominável” como plano de fundo, que se passa no México contra os povos indígenas, o processo eleitoral mexicano não respeita o lugar do cidadão como eleitor e que o cidadão não toma sua decisão frente às distintas opções políticas, mas sim diante dos meios de comunicação, ou melhor, diante à imagem que os meios de comunicação apresentam das propostas políticas, de modo que, a modernidade não tem significado para o México um caminho para a democracia, ao governo do povo, pelo povo e para o povo (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del EZLN, 2000). Destarte, visando não reproduzir esse sistema democrático eleitoral fajuto, o EZLN propôs o que seriam as bases para uma democracia, de fato, plena e efetiva:

El tiempo electoral no es el tiempo de los zapatistas. No sólo por nuestro sin rostro y nuestra resistencia armada. También, y sobre todo, por nuestro afán en encontrar una nueva forma de hacer política que poco o nada tiene qué ver con la actual. Queremos encontrar una política que vaya de abajo hacia arriba, una en la que el "mandar obedeciendo" sea más que una consigna; una en la que el poder no sea el objetivo, una en la que el "referéndum" y "plebiscito" sean más que palabras de difícil ortografía; una en la que un funcionario pueda ser removido de su cargo por elección popular. De los partidos políticos decimos que no nos sentimos representados por ninguno. No somos ni perredistas ni panistas, mucho menos priístas. A los partidos les criticamos su distancia de la sociedad, su existencia y actividad sólo de acuerdo al calendario electoral, el pragmatismo político que confunde en sus direcciones, el malabarismo cínico de algunos de sus miembros, el desprecio



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



hacia el diferente. Democracia es que, independientemente de quién está en un puesto, la mayoría de la gente tenga el poder de decisión sobre los asuntos que le incumben. Es el poder de la gente para sancionar a quien está de gobierno, dependiendo de su capacidad, honestidad y eficacia. En la idea zapatista, la democracia es algo que se construye desde abajo y con todos, incluso con aquellos que piensan diferente a nosotros. La democracia es el ejercicio del poder por la gente todo el tiempo y en todos los lugares”. Ibid.

“Quienes deberían estar aquí son las comunidades indígenas zapatistas, sus siete años de lucha y resistencia, su oído y su mirada, los pueblos zapatistas, los hombres, niños, mujeres y ancianos, bases de apoyo del Ejército Zapatista de Liberación Nacional que son los pies que nos andan, la voz que nos habla, la mirada que nos hace visibles, el oído que oídos nos hace. Quienes debería estar aquí son las insurgentas y los insurgentes, su persistente sombra, su callada fortaleza, su memoria levantada. [...] Nosotros no deberíamos estar aquí, y sin embargo, estamos. Y estamos junto a ellas y ellos, ellos y ellas que pueblan los pueblos indios de todo México; los pueblos indios, nuestros más primeros, los más primeros pobladores, los más primeros palabreadores, los primeros odores, a los que siendo primeros últimos parecen y perecen (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del EZLN, 2000).

A *Marcha*, assim, materializa essa concepção de democracia, defendida pelos zapatistas, ao exercitá-la nos diferentes momentos da formação do movimento, do exército e das tomadas de decisão; nos diálogos referentes aos direitos à autonomia e à autodeterminação, promovendo Foros e Congressos – como o FNI e a CNI – e ao percorrer o território mexicano em diálogo com a gente *de baixo*. Subvertendo, portanto, a lógica da democracia que eles denunciam e elevando o povo à última instância de poder, fazendo com que a democracia não seja um recurso estático a serviço das classes políticas e dos poderes hegemônicos coloniais, mas um sistema, sentimento, forma e palavra que caminham o território mexicano.

No dia 13 de março do mesmo ano, a delegação zapatista chegou até o seu destino final: Cidade do México. Representando todos os grupos e etnias indígenas que compuseram o diálogo ao longo da *Marcha*, representando o FNI, o CNI e as ideias debatidas no processo dos últimos anos, os zapatistas discursaram na Cidade do México, reiterando o caráter do movimento de ser uma voz ativa a mais neste contexto de reivindicações históricas dos povos indígenas ao Estado:

Quienes deberían estar aquí son las comunidades indígenas zapatistas, sus siete años de lucha y resistencia, su oído y su mirada, los pueblos zapatistas, los hombres, niños, mujeres y ancianos, bases de apoyo del Ejército



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Zapatista de Liberación Nacional que son los pies que nos andan, la voz que nos habla, la mirada que nos hace visibles, el oído que oídos nos hace. Quienes debería estar aquí son las insurgentas y los insurgentes, su persistente sombra, su callada fortaleza, su memoria levantada. [...] Nosotros no deberíamos estar aquí, y sin embargo, estamos. Y estamos junto a ellas y ellos, ellos y ellas que pueblan los pueblos indios de todo México; los pueblos indios, nuestros más primeros, los más primeros pobladores, los más primeros palabreadores, los primeros odores, a los que siendo primeros últimos parecen y perecen (Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del EZLN, 2000).

A *Marcha*, desta forma, culmina com a chegada não somente dos zapatistas e de suas siglas para se dirigir ao povo do México e ao governo mexicano, mas trazem consigo as palavras, demandas e histórias dos povos indígenas que embarcaram na caravana e caminharam junto o território.

CONCLUSÃO

Os zapatistas, ao integrarem em sua marcha e em seus discursos os povos indígenas que compõem a diversidade humana da população mexicana, não tomam para si a palavra e se assumem como os portadores da verdade, trazem à tona a discussão por e a partir das histórias desses povos, assumindo uma condição de um espelho no qual não são a realidade, mas um reflexo dela; não são a luz, apenas um feixe; não o caminho, mas apenas alguns passos, dentro de tantos rumos, que conduzirá até alcançarem as demandas históricas de combate ao *colonialismo interno* que rege as relações sociais neste cenário político-econômico.

Em suma, esta marcha que leva o nome dos povos *cor da terra* e que luta pela *dignidade*, levanta questões fundamentais para a compreensão das facetas coloniais de longa duração na história do México e que permeiam a luta e as demandas zapatistas. Trazer a “cor da terra” como o elemento que colore esta marcha é trazer a discussão central que os zapatistas carregam consigo desde a Revolução Mexicana de 1910: terra e liberdade. É trazer consigo as resistências históricas de povos que almejam a liberdade de viver conforme suas culturas e tradições ditam suas formas de viver, não conforme os índices do Produto Interno Bruto do país ou da cotação da Bolsa de Valores. Resistir, portanto, conforma-se numa manifestação de *dignidade* desses povos, que não esquecem e não querem que seja esquecida



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



suas memórias, logo, suas existências. Nas palavras de Marcos, uma marcha que desvelou os muitos méxicos que sob o México se escondem e se magoam.

Em entrevista ao Subcomandante Marcos, no dia 25 de março de 2001, o escritor ganhador do Prêmio Nobel de literatura, Gabriel García Márquez questiona Marcos se, mesmo em meio a todos esses problemas, ele ainda tem tempo de ler, e Marcos lhe responde: “sí porque si no... ¿qué hacemos? En los ejércitos de antes, el militar aprovechaba el tiempo para limpiar su arma y rehacerse de parque. En este caso, como nuestras armas son las palabras, tenemos que estar pendientes de nuestro arsenal a cada momento.” (SUBCOMANDANTE INSURGENTE MARCOS, 2001). E é nesse cuidado constante à palavra e ao diálogo que a temática da dignidade indígena, que as vozes dos povos da cor da terra ecoam junto aos sons da marcha que pelo território caminharam e caminham os muitos *méxicos rebeldes*.

REFERÊNCIAS

CHIHU AMPARÁN, Aquiles. La marcha del color de la tierra. **Araucaria**, Sevilla, v. 8, p. 63-79. 2002.

Comandancia General del EZLN. **Primera Declaración de La Selva Lacandona**. México, 1994. Disponível em: <<https://enlace Zapatista.ezln.org.mx/1994/01/01/primera-declaracion-de-la-selva-lacandona/>>. Acesso em 21 de mar. de 2021.

Comité Clandestino Revolucionario Indígena - Comandancia General del EZLN. **En San Cristóbal de las Casas, comienza la Marcha de la Dignidad Indígena, la Marcha del Color de la Tierra**. México, 2001. Disponível em: <<https://enlace Zapatista.ezln.org.mx/2001/02/24/en-san-cristobal-de-las-casas-comienza-la-marcha-de-la-dignidad-indigena-la-marcha-del-color-de-la-tierra/>>. Acesso em 21 de mar. de 2021.

Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del EZLN. **Al pueblo de México: las demandas del EZLN**. México, 1994. Disponível em: <<http://enlace Zapatista.ezln.org.mx/1994/03/01/al-pueblo-de-mexico-las-demandas-del-ezln/>>. Acesso em 21 de mar. de 2021.

Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del EZLN. **Sobre el próximo proceso electoral**. México, 2000. Disponível em:



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



<<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2000/06/19/sobre-el-proximo-proceso-electoral/>>.

Acesso em 21 de mar. 2021.

Comité Clandestino Revolucionario Indígena - Comandancia General del EZLN. **El CCRI-CG del EZLN da a conocer los detalles de la ruta que seguirá a la ciudad de México en los meses de febrero y marzo del 2001.** México, 2001. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2001/01/24/el-ccri-cg-del-ezln-da-a-conocer-los-detalles-de-la-ruta-que-seguira-a-la-ciudad-de-mexico-en-los-meses-de-febrero-y-marzo-del-2001/>>.

Acesso em 21 de mar de 2021.

Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General del EZLN. **Segunda Declaración de La Selva Lacandona.** México, 1994. Disponível em: <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/06/10/segunda-declaracion-de-la-selva-lacandona/>>. Acesso em 21 de mar. de 2021.

FUENTES SÁNCHEZ, Waldo Lao. **Autonomías indígenas:** resistencias y luchas por el reconocimiento en Nicaragua y México. Buenos Aires: El Colectivo, 2019.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **Sociología de la explotación.** Siglo XXI, México, 1969.

GONZÁLEZ, Eva Antón. Las paradojas del movimiento zapatista en la construcción de paz: “El ejército que nace para que no haya más ejércitos”. **Revista de Paz y Conflictos**, Granada, v. 3, p.140-153. 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In.: LANDER, Edgardo (org.). **A Colonialidade do Saber - Eurocentrismo e Ciências Sociais - Perspectivas Latino-americanas.** Buenos Aires: Clacso, 2005.

SARAMAGO, José. **La lucha del EZLN, sólo un prólogo:** Saramago. México, 2001. Disponível em: <<https://www.jornada.com.mx/2001/03/12/006n1pol.html>>. Acesso em 21 de mar. de 2021.

SUBCOMANDANTE INSURGENTE MARCOS. **Habla Marcos:** Gabriel García Márquez y Roberto Pombo lo entrevistan en México. México, 2001. Disponível em: <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2001/03/25/entrevista-con-gabriel-garcia-marquez/>>.

Acesso em 21 de mar. de 2021.

SUBCOMANDANTE INSURGENTE MARCOS. **Zócalo, Subcomandante Marcos:** es la hora de los pueblos indios. México, 2001. Disponível em: <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2001/03/11/zocalo-subcomandante-marcos-es-la-hora-de-los-pueblos-indios/>>. Acesso em 21 de mar. de 2021.